

UM GOSTO DECORATIVO

LOUÇA PRETA E VERMELHA POLVILHADA DE BRANCO (MICA)

ISABEL MARIA FERNANDES Doutoranda no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, técnica-superior do Museu de Alberto Sampaio. imf.isabel@gmail.com

RESUMO Num texto de 1645 refere-se que em Prado “*se labra gran cantidad de basijas negras finas, con que se provee entre Duero y Miño*”. Esta loiça preta *fina* teve o seu apogeu entre os séculos XVII e XVIII e tem aparecido em diversas escavações arqueológicas. Partindo de um conjunto de fragmentos cerâmicos encontrados no mosteiro de Tibães faz-se o levantamento e estudo desta loiça, vermelha e preta, decorada com mica, que se encontra quer em escavações arqueológicas quer em colecções de Museus.

PALAVRAS-CHAVE Cerâmica, olaria, loiça preta, loiça vermelha, decoração com mica

1. NO NORTE, LOUÇA PRETA OU VERMELHA FINA, DECORADA COM MICA

No livro “Poblacion General de España, publicado em 1645, refere-se que, em Prado¹, “*se labra gran cantidad de basijas negras finas, con que se provee entre Duero y Miño*” (Silva, 1645). Esta loiça preta “ *fina* de que fala Rodrigo Mendes Silva tem aparecido em diversas escavações do norte de Portugal, das quais poderemos citar, por exemplo, as escavações que decorreram no mosteiro de Tibães (Fontes, 2005), no distrito de Braga, e na Casa do Infante, no Porto (Real *et al*, 1995, fig. 13).

O estudo de um conjunto de fragmentos de loiça preta, decorados com mica e encontrados no mosteiro de Tibães (Fontes, Fernandes e Castro, 1998), permitiu chegar à conclusão, em função dos resultados das análises químicas efectuadas, que estas peças devem ter sido produzidas com barro extraído das barreiras de Prado, situadas do outro lado do rio, bem em frente ao mosteiro de Tibães.

Esta loiça preta fina decorada com mica começa a aparecer na segunda metade do século XVI / primeiro quartel do século XVII, tendo uma maior difusão a partir de meados desse mesmo século e permanecendo em uso ao longo de todo o século XVIII, entrando depois numa fase de decadência.

Os dados arqueológicos coincidem com o texto citado no início deste artigo, datado de 1645, e no qual se caracteriza a loiça preta como sendo *fina*. Não andaremos

longe da verdade se se entender este *fina* como sinónimo de peças com qualidade de fabrico e antónimo de peças grossas, servindo as primeiras para um uso mais requintado – conter alimentos de mais valor (como, por exemplo, compotas ou doces de colher) ou para o serviço e ingestão de líquidos –, enquanto as peças mais grosseiras serviriam na preparação e cozedura de alimentos.

O texto de Rodrigo Mendes Silva apenas refere loiça preta fina não fazendo menção a loiça vermelha, nem referindo a aplicação de mica. Porquê a referência unicamente a loiça preta fina quando sabemos que no local se produzia também loiça vermelha fina? Atente-se, por exemplo, na bilha de quatro asas, de loiça vermelha (de tom bege) decorada com mica, que apareceu nas escavações de Tibães (N.º de Cat. 6 / Fontes, 2005, p. 79).

Recordemos que na Península Ibérica a loiça de qualidade estética reconhecida, e por isso mais valorizada, era a vermelha fina do Sul de Portugal e Estremadura. Loiça preta com a qualidade da de Prado parece só ter existido neste centro produtor, tanto quanto os dados até ao momento conhecidos nos permitem inferir. Talvez por isso, o que mais chamou a atenção do nosso cronista foi a loiça preta fina de qualidade, cuja existência no contexto peninsular seria pouco frequente. Provavelmente, como a loiça vermelha fina de Prado era semelhante na cor a outras produções peninsulares, o autor não a sobrelevou do modo que fez com a loiça preta.

O texto permite-nos também perceber que esta produção de loiça preta fina de Prado extravasa o mercado local e se distribui por todo o *Entre-Douro-e-Minho*. Sabemos que quanto mais valiosa é uma produção maior é a sua área de comercialização. Loiça de uso comum, sem grande valor acrescentado, vendia-se junto do

1. Até 1855 Prado foi concelho e dele fazia parte o grosso das freguesias onde ainda hoje se trabalha o barro, e que actualmente se distribuem pelos concelhos de Braga, Vila Verde e Barcelos. O seu solo é fértil em argilas que continuam a ser utilizadas na produção cerâmica. Desde o século XIII (Barroca, 1993) que na documentação encontramos referência a Prado, mas a qualidade das suas argilas permite antever que aqui se produziria loiça muito antes desta data.



1. Bilha com tampa. Prado (?). Século XVI-XVII (?). Alt. (com tampa) 30,5 cm. Porto: Câmara Municipal do Porto, em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis.



2. Bilha sem tampa. Prado (?), Caldas da Rainha (?). Século XVI-XVII (?). Alt. 18 cm. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

local onde era produzida. Só quando as peças fabricadas têm mais-valia acrescentada é que possuem uma área de comercialização mais dilatada.

Nas escavações da Casa do Infante encontrou-se uma bilha de loiça preta decorada com mica (N.º de Cat. 5), que se assemelha, quer aos fragmentos de loiça preta, encontrados nas escavações de Tibães, quer à bilha de loiça vermelha também daí proveniente (N.º de Cat. 6). Esta bilha de loiça preta comprova o que os dois textos acima citados referem – a área de comercialização desta loiça fina, preta ou vermelha, seria, grosso modo, o Entre-Douro-e-Minho.

Resumindo, podemos concluir que, em Prado, no século XVII, coexistiu a produção de loiça vermelha e preta finas, decoradas com ou sem mica, correspondendo a diferença de cor ao gosto de cada comprador.

Esta coexistência numa mesma área e num mesmo período de tempo de peças de loiça preta e vermelha, por vezes com a mesma tipologia e tamanho, sucedia também noutros centros produtores. Uma prova do que se afirma é a existência no barco afundado na ria de Aveiro, na segunda metade do século XV, de um carregamento de loiça vermelha e preta com tipologias semelhantes (Alves *et. al*, 1998; Lima, Milhazes e Dordio, 1997, p. 149-150, il. p. 151, 155-156).

A decoração de peças de loiça preta e vermelha com mica continuou a fazer-se na área de Barcelos e Vila Verde² até ao final do século XIX inícios do século XX (Fernandes, 1997 e 1997a). José Queirós, por exemplo, refere a existência em Prado, no início do século XX, de peças de Prado decoradas com mica (Queirós, 1987a [1907], p. 43).

2. PATERNIDADE DOS FABRICOS ARCAICOS

Através da análise química dos fragmentos de loiça preta encontrados nas escavações de Tibães é possível concluir que esta se fabricava em Prado, importante centro produtor localizado perto do mosteiro de Tibães (Fontes, Fernandes e Castro, 1998).

Sabemos também que nas escavações efectuadas no norte do País, em contextos do século XVII, a loiça decorada com mica aparece com maior frequência do que a loiça empedrada, o que pressupõe que as primeiras seriam produções locais ou da região enquanto as segundas seriam produções provenientes de circuitos comerciais mais longínquos.

Por outro lado, quando se procuram locais de fabrico onde tenha sobrevivido o uso de olaria decorada com mica, apenas são referenciados no norte do País:

2. Ambos os concelhos (Vila Verde e Barcelos) englobam actualmente as freguesias que pertenceram ao extinto concelho de Prado nas quais se produzia loiça de barro.

Vila Verde, Barcelos, Lanheses, Guimarães, Bisalhães e Felgar. Para o resto do País não há nem referências documentais nem peças recolhidas em centros produtores. Analisemos os dados que possuímos sobre o fabrico de loiça decorada com mica nos locais acima enumerados.

2.1 Vila Verde (Braga)

O oleiro Júlio Alonso (Fernandes, 1997), nascido e criado em Parada de Gatim (Vila Verde, Braga), ele próprio filho de oleiro, lembra-se de ver o pai (a laborar na primeira metade do século XX) decorar com mica algumas das peças que produzia. E, em Parada, em trabalho de campo aí efectuado, foi recolhido um vaso de portão decorado com mica, o qual actualmente integra as colecções do Museu de Olaria (N.º de Cat. 10). Existe também no acervo deste museu uma caneca adquirida num antiquário barcelense e que deve ser produção de Parada de Gatim ou de S. Mamede de Escariz (N.º de Cat. 9) (Fernandes, 1997a: N.ºs de Cat. 8 e 73). José Queirós, em 1907, refere a existência em Prado, de peças decoradas com mica (Queirós, 1987a [1907], p. 43).

2.2 Barcelos (Braga)

Na freguesia de S. Romão da Ucha, o oleiro Sr. Júlio Faria ainda há alguns anos, década de 80 do século XX, fazia "*cantarinhas das prendas à moda de Guimarães*"³, ou seja, cantarinhas de loiça vermelha decoradas com mica, que vendia a um comerciante vimaranense.

2.3 Lanheses (Viana do Castelo)

Neste local de produção de loiça preta, fundado no século XVIII por oleiros idos de freguesias do extinto concelho de Prado (actual concelho de Barcelos), também se decoravam peças com mica. De Lanheses conhecemos um cântaro de louça preta decorado com mica, que tem aposta na parede da peça a data 1902 (N.º de Cat. 11) (Fernandes, 1997b).

2.4 Guimarães (Braga)

Ainda hoje a aplicação de mica é usada na *cantarinha das prendas* (loiça vermelha) produzida em Guimarães (Fernandes, 2002), tendo merecido no início do século XX a atenção de Rocha Peixoto, que lhe dedicou um interessante artigo (N.º de Cat. 12) (Peixoto, 1995 [1906]).

3. Deste oleiro existe no Museu de Olaria uma cantarinha das prendas à moda de Guimarães (N.º de Inv. MO 84.25.01).

Manuel Correia



3. *Bilha de segredo*. Prado (?), Prado (?), Caldas da Rainha (?). Século XVI-XVII (?). Alt. 26 cm. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

Manuel Correia



4. *Talha com quatro asas e quatro copos*. Prado (?). Século XVI-XVII (?). Porto: Casa Museu Guerra Junqueiro.



5. *Bilha de quatro asas*. Prado, muito provavelmente. Século XVII, terceiro quartel. Porto: Escavações da Casa do Infante. Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Jorge Inácio



6. *Bilha de quatro asas*. Prado, muito provavelmente. Século XVII-XVIII. Escavações do Mosteiro de São Martinho de Tibães. Braga: Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

2.5 Bisalhães (Mondrões, Vila Real)

O velho oleiro de louça preta, Joaquim Fernandes Fontes, já falecido, chegou a decorar peças com mica e possuía algumas das formas (moldes) que utilizava nessa tarefa (Fernandes, 2009).

2.6 Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança)

Faz parte do espólio do Museu de Etnografia e História, do Porto, hoje em depósito no Museu de Olaria, em Barcelos, um conjunto de peças de louça vermelha do Felgar, algumas das quais decoradas com a aplicação de mica e que foram recolhidas por J. R. dos Santos Júnior nos anos 20 do século XX (N.º de Cat. 14 a 16) (Santos Júnior, 1966, p. 9). Em 1986, Manuel Macedo e Graça Freitas, em trabalho de campo então realizado, ainda encontram em uso a aplicação de mica na decoração das peças (Macedo; Freitas, 1988, p. 15).

2.7 Em jeito de conclusão

Dos dados acima aduzidos concluímos que desde o final do século XVI se fabrica louça preta em Prado (actuais concelhos de Barcelos, Vila Verde e Braga), e também louça vermelha⁴, decorada com mica, a qual se continuou a produzir ao longo dos séculos, tendo chegado até nós a sua aplicação na cantarinha das prendas que ainda se faz em Guimarães.

Mas, se é verdade que até ao momento possuímos elementos concretos que apontam para o fabrico de louça vermelha e preta de qualidade, decorada com mica e fabricada no extinto concelho de Prado desde pelo menos o século XVII, isso não nos pode levar a concluir que todas as peças conhecidas aí terão sido fabricadas. A utilização da decoração de peças com mica em vários locais produtores do norte do País ainda durante o século XX (distrito de Braga – concelhos de Barcelos, Vila Verde e Guimarães; distrito de Vila Real – concelho de Vila Real; e distrito de Bragança – concelho de Torre de Moncorvo) indicia que estamos perante uma técnica difundida numa área mais vasta.

Na olaria, tal como noutras artes, a influência do gosto dominante determina o fabrico existente numa determinada época. A utilização de mica sobre as peças tornava-as vistosas, atraentes e bem de acordo com o gosto barroco que começa a imperar no século XVII. Na louça, tal como no trajar, no mobiliário ou na ourivesaria,

4. Para além do estudo feito sobre a louça preta encontrada no mosteiro de Tibães e que as análises químicas confirmam ter sido produzida em Prado, sabemos também que as análises químicas efectuadas a fragmentos de louça vermelha, decorados com mica, encontrados em escavações do norte (por exemplo, Casa do Infante) indiciam a mesma proveniência de fabrico – Prado.

há uma *necessidade* de encher o campo sobre o qual se trabalha, há como que um horror ao vazio, um gosto pela aplicação profusa de elementos variados. E, todos sabemos que, quando um produto tem mercado porque goza da preferência dos consumidores, logo é copiado e produzido por outros fabricantes.

Pelo atrás exposto não nos admiraria que a aplicação de mica em peças seiscentistas e setecentistas fosse usada, para além de Prado, em vários locais produtores oláricos da região norte, detentores de produções e mercados mais reduzidos. É, no entanto, provável que Prado, centro produtor com mercados alargados desde há muitos séculos, tenha sido um dos locais produtores mais afamados tal como o atesta a citação de Rodrigo Mendes Silva, em 1645: “[em Prado] se labra gran cantidad de basijas negras finas, con que se provee entre Duero, y Miño” (Silva, 1645, fl. 179v).

Há também quem acredite, por exemplo, que a decoração com mica era aplicada em peças produzidas nas Caldas da Rainha, assunto sobre o qual nos debruçaremos no capítulo seguinte.

3. PEÇAS DE LOIÇA VERMELHA DECORADAS COM MICA: FABRICO DAS CALDAS DA RAINHA?

A atribuição de paternidade às Caldas da Rainha de peças de louça vermelha decoradas com mica prende-se com o facto de terem pertencido a Rafael Bordalo Pinheiro duas peças – uma bilha e uma bilha de segredo – que hoje integram o espólio da Fundação Ricardo Espírito Santo.

Começemos por conhecer o que sobre a matéria foi escrito para entender qual a razão pela qual se associa incorrectamente o espólio encontrado no convento da Madre de Deus, em Lisboa, com as duas bilhas que pertenceram a Rafael Bordalo Pinheiro e, mais tarde, a seu filho Manuel Gustavo.

3.1 O espólio cerâmico do convento da Madre de Deus: loiça vidrada a verde

Tudo começa no último quartel do século XIX quando o arquitecto José Maria Nepomuceno dirige as obras de recuperação do Convento da Madre de Deus, em Lisboa, e recolhe um conjunto de peças que encontrou no edifício e que as últimas freiras lá terão deixado. Lembremos que o Convento da Madre de Deus foi fundado, em Lisboa, em 1509, pela Rainha D. Leonor (1458-1525), mulher de D. João II. Numa visita que Joaquim de Vasconcelos efectuou ao convento teve oportunidade de ver o referido acervo cerâmico e, sobre o facto teceu alguns comentários, em 1884 e de novo em 1907. De facto, este autor, ao tentar perceber que louça

Manuel Correia



7. *Bilha de segredo*. Barcelos, provavelmente. Século XIX (?). Alt. 40,5 cm. Barcelos: Museu de Olaria.

Manuel Correia



8. *Bilha com tampa* [peça não decorada com moscovite]. Caldas da Rainha, Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha. C. 1884-1905. Alt. 14,5 cm. Marca FFCR. Porto: Museu de História Natural (Universidade do Porto).

Manuel Correia



9. *Infusa*. S. Mamede de Escariz (Vila Verde, Braga), provavelmente. Século XIX-XX, 1.ª metade. Alt. 23 cm. Barcelos: Museu de Olaria. N.º de Inv.: MO.86.2.1.

se fazia em Portugal nos séculos anteriores ao século XIX, refere a importância de se *olhar* para a pintura portuguesa para nela encontrar a nossa cerâmica mais arcaica, bem como para a necessidade de se preservar os exemplares mais antigos, lamentando o sucedido com o acervo encontrado pelo arquitecto Nepomuceno na Madre de Deus:

"É o caso: O sr. Nepomuceno que dirigia então (1874-1875) as obras de restauração do extinto convento da Madre de Deus tinha reunido numa das salas grandes do edifício toda a louça antiga que as freiras haviam deixado em estado. Era principalmente louça popular das Caldas, do século XVI e XVII, de barro vermelho escuro, com esmaltes verdes, mais de um cento de peças raras e de formas curiosas. Demos os parabéns ao Sr. Nepomuceno quando vimos aquela riqueza; passados tempos soubemos que este Sr. já não dirigia as obras. Uma mudança de ministério e de política produziu uma mesquinha vingança e o benemérito arquitecto, que havia salvado o célebre convento da ruína (um verdadeiro museu de todo o género de objectos), foi transferido. A colecção de louças foi desbaratada; cada um levou o que quis, e o resto quebraram-no em serviço diário os actuais inquilinos do convento, hoje asilo D. Maria Pia. (...). Vimos há poucas semanas, apenas, o último exemplar da Madre de Deus, uma bilha pequena, esmaltada de verde" (Vasconcelos, 1884, p. 31-32).

Manuel Correia



10. *Vaso de portão*. S. Mamede de Escariz (Vila Verde, Braga). Século XX, 1.ª metade. Alt. 40 cm. Barcelos: Museu de Olaria. N.º de Inv.: MO 85.6.1.

Vários anos depois, em 1907, volta a referir o acontecimento:

"Os tipos mais antigos do vasilhame doméstico que conhecemos não se encontram nas colecções públicas ou particulares. Vimo-los cerca de 1870 entre as relíquias do Convento da Madre de Deus, instituição da Rainha D. Leonor, esposa de D. João II (1481-1495). Esta princesa, que fundou as Misericórdias e protegeu poderosamente a arte tipográfica em Portugal, instituiu também o hospital das Caldas da Rainha. É muito provável que as preciosas e abundantes peças de vasilhame do convento houvessem saído das oficinas das Caldas. Eram mais de 100 objectos, reunidos por diligentes esforços do falecido arquitecto Nepomuceno; formas arcaicas, pesadas, em barro grosso, geralmente lisas, cobertas de esmalte verde. No decorrer dos anos fomos encontrar peças parecidas na região das Caldas. Outros exemplares podem ver-se nos quadros da Escola portuguesa do último terço do séc. XV e primeiro terço do séc. XVI. A decoração é ora em azul, ora em verde, sob esmalte branco, e geralmente muito apurada com labores da Renascença. Representam esses produtos uma faiança mais delgada, mais perfeita e mais bem cozida do que as peças que vimos no convento da Madre de Deus. Alternam nos quadros citados com peças de louça popular, vermelha, não vidrada.

A colecção *Nepomuceno* desapareceu ou foi destruída por incúria, quando o arquitecto abandonou a direcção das obras de conservação do convento" (Vasconcelos, 1907, p. 6).

Pela leitura destes dois textos, os únicos que conhecemos em que Joaquim de Vasconcelos se refere ao espólio cerâmico da Madre Deus, podemos concluir que este acervo era composto por "mais de 100 objectos", em "barro vermelho escuro", com "formas arcaicas, pesadas, em barro grosso, geralmente lisas, cobertas de esmalte verde", sendo "raras e de formas curiosas". Acrescenta o autor que "era principalmente louça popular das Caldas, do século XVI e XVII", e atribui o fabrico às Caldas da Rainha quer porque foi a Rainha D. Leonor quem fundou o convento da Madre de Deus e o Hospital Termal das Caldas da Rainha – pelo que "é muito provável que as preciosas e abundantes peças de vasilhame do convento houvessem saído das oficinas das Caldas", quer porque "no decorrer dos anos", Joaquim de Vasconcelos encontrara "peças parecidas na região das Caldas". Sobre a tipologia das peças apenas sabemos que entre elas constava "uma bilha pequena, esmaltada de verde".

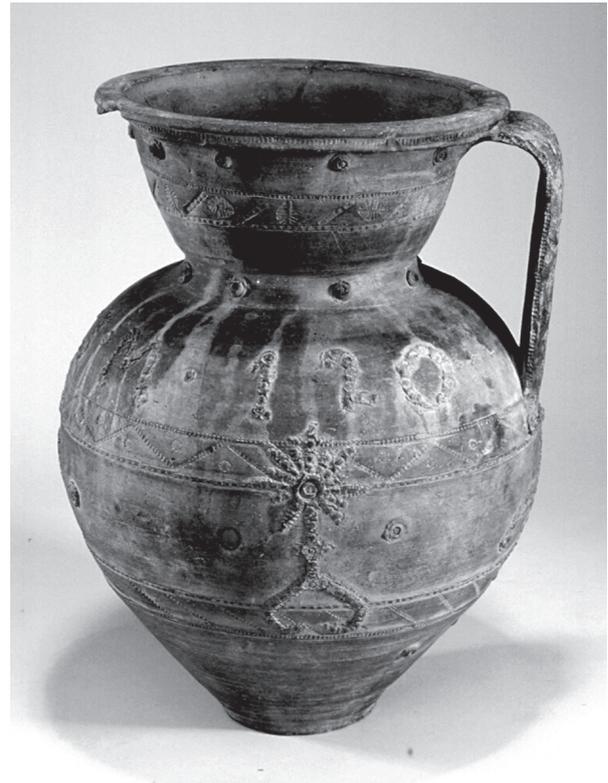
Como vemos tratava-se de mais de cem peças de "louça popular", grossa e pesada, feita em barro vermelho escuro e vidrada a verde.

Não nos parece correcta a atribuição destas peças às olarias das Caldas da Rainha só porque este convento e o hospital termal foram ambos fundados pela rainha D. Leonor. Lembremos que Lisboa, local onde se situa o Convento da Madre de Deus, era terra de barro e de oleiros, havendo vasta documentação a atestar a produção local de louça fosca e vidrada, como, por exemplo, o regimento quinhentista lisbonense de oleiros (1572) que refere a produção de telha, "louça vermelha", "louça vidrada verde" e "louça branca de Talavera" (Correia, 1926, p. 142-147).

Qual seria a necessidade de o convento da Madre de Deus se abastecer de louça nas Caldas da Rainha – para mais sendo louça que Joaquim de Vasconcelos diz ser "popular", "pesada" e "grossa" –, quando tinha à mão um mercado abastecedor dos mais importantes do País?

É verdade que nas Caldas da Rainha também se fabricava louça vidrada a verde, sendo a referência documental mais antiga datada de 1656, ou seja, bem posterior à época da rainha D. Leonor. Sendo, no entanto, provável que o fabrico de louça começasse antes do século XVII, pois Avelino Belo parece ter encontrado referência a oleiros, nas Caldas, no final do século XV⁵.

5. Quem isto afirma é Julieta Ferrão (Ferrão, 1944, p. 75). No entanto, não conseguimos encontrar este texto de Avelino Belo, nem Julieta Ferrão diz onde foi publicado. O cuidadoso levantamento realizado por Fernando da Silva Correia (Correia, 1995) não faz referência a esta documentação, a qual é importante vir a encontrar para que melhor se conheça a cerâmica caldense e a sua antiguidade.



11. *Cântaro*. Lanheses (Viana do Castelo, Viana do Castelo). 1902. Alt. 41 cm. Ponte de Lima: Valdemar Pinto Agra.

Manuel Correia



12. *Cantarinha das prendas*. Creixomil (Guimarães; Braga). Oleiro: Gaspar José Machado (1875-1951). Ca 1945. Alt. conjunto 55 cm. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio. N.º de Inv.: MAS. C 252.

É Frei Jorge de S. Paulo quem, em 1656, se refere à loiça vidrada caldense: "Barro tão perfeito que serve de matéria para se obrar grande quantidade de louça vidrada todos os anos, e da verde se fazem peças de estremados feitios, recebem tal lustre e polimento como espelhos, e brilham como esmeraldas sem que lhes levem vantagem seus resplendores. Toda a pessoa de porte faz seus empregos nestes aprazíveis brincos quando se partem levando-se para a corte, e para a mesma casa real onde se apresentou à Rainha D. Luísa no ano de 1653 uma caçoila de tão peregrino artifício que estimou como se fora obrada nos metais de maior estimação" (São Paulo, 1995, p. 24-25).

O que de facto sabemos é que o acervo cerâmico encontrado por Nepomuceno no Convento da Madre de Deus era composto por loiça popular grossa vidrada a verde, sendo a atribuição do seu fabrico às Caldas da Rainha sugerido, em 1884, por Joaquim de Vasconcelos.

Não há, no espólio encontrado na Madre de Deus e que infelizmente desapareceu, nada em que nos possamos basear para afirmar ser loiça de fabrico caldense. A loiça vidrada a verde fazia-se, no final do século XVI e XVII, em Coimbra e Lisboa, tal como o comprova a documentação.

O que nos parece mais plausível é que a loiça encontrada no convento da Madre de Deus fosse produção das olarias lisboenses. Infelizmente trata-se apenas de uma suposição dado não ser possível conhecer esse interessante acervo cerâmico desaparecido devido à incúria dos homens.

Mas, o que podemos ter como seguro é o facto de as peças que Nepomuceno encontrou no convento da Madre de Deus não terem absolutamente nada a ver com as bilhas decoradas com mica sobre as quais este artigo se debruça. Tratou-se, com veremos a seguir, de uma confusão estabelecida por Julieta Ferrão.

3.2 Loiça vermelha decorada com mica: as peças pertencentes a Rafael e a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro possuía na sua colecção duas peças – uma bilha e uma bilha de segredo, decoradas com aplicações de elementos moldados e com mica. Após a sua morte as peças passam a pertencer a seu filho Manuel Gustavo tendo posteriormente sido vendidas à Fundação Ricardo Espírito Santo. Julieta Ferrão informa que Rafael Bordalo Pinheiro adquiriu uma das peças, a bilha, "*na região caldense*" (Ferrão, 1945, p. 79). Tal como sucedeu com as peças encontradas no convento da Madre de Deus, também neste caso parece ser Joaquim de Vasconcelos quem atribui a proveniência de fabrico e a datação, apesar de não existir nenhum

texto por ele escrito no qual as bilhas de Rafael Bordalo Pinheiro sejam mencionadas. O que se conhece são referências contidas em obras de diferentes autores nas quais se afirma que as duas peças pertencentes a Rafael Bordalo Pinheiro eram fabrico caldense, tal como advogava Joaquim de Vasconcelos.

O primeiro autor a referir estas duas peças é José Queirós, em 1907, publicando pela primeira vez a sua imagem, afirmando que baseia a sua atribuição, "*segundo a opinião de Joaquim de Vasconcelos*", não imputando, no entanto, o seu fabrico às Caldas da Rainha, considerando-as antes "*produtos da olaria portuguesa*" (Queirós, 1987a [1907], p. 40 e grv. 4 e 5).

Mais tarde, em 1916, volta a referir uma das vasilhas pertencentes a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, a bilha, e ilustra esse artigo com o desenho não da bilha antiga na posse daquele senhor, mas antes com uma reprodução/cópia desta feita, nas Caldas da Rainha, no tempo de Rafael Bordalo Pinheiro. Afirmando ser a peça "*produto das Caldas (reprodução do citado modelo antigo), decorada com mascarões, rosetas e outros ornatos e a tampa estriada*" (Queirós, 1987 [1916], p. 489-490). Em nota diz que essa bilha reproduz "*o original [que] pertence ao meu amigo Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e está reproduzido no meu trabalho Cerâmica Portuguesa*" (Queirós, 1987 [1916], p. 493). Na legenda da peça diz tratar-se de "*Bilha, barro vermelho esmaltado, Caldas da Rainha, Bordalo Pinheiro*" (Queirós, 1987 [1916], p. 489). Repare-se que José Queirós afirma ser a peça esmaltada, mas o que chegou até nós foi uma bilha em barro vermelho polido, feita a molde (N.º de Cat. 8), produzida na fábrica de faiança das Caldas da Rainha no período em que esta era dirigida por Rafael Bordalo Pinheiro, copiando o modelo da bilha antiga que pertencia a este artista. Ter-se-iam produzido destas bilhas quer em barro polido, como o exemplar que se encontra no Museu de História Natural (N.º de Cat. 8), quer em barro esmaltado, tal como refere José Queirós?

Em 1921, Carolina Michaelis de Vasconcelos refere que a menção mais antiga que encontra à loiça das Caldas data de 1745, apesar de, "*certo parece todavia que umas jarrinhas, em poder do célebre reformador da indústria cerâmica da localidade, são da época de D. Leonor, fundadora do hospício*" (Vasconcelos, 1921, p. 29-30, nota 74. Ver tb p. 64, nota 163).

É verdade que Joaquim de Vasconcelos descreve uma peça (Guia, 1902, p. 96), hoje existente no Museu Nacional de Soares dos Reis, como sendo "*fabrico antigo das Caldas da Rainha*" (N.º de Cat. 1), podendo concluir-se que ele considerava este tipo de peças como sendo fabrico daquele centro cerâmico.

Passados alguns anos Julieta Ferrão refere a existência de uma destas peças decoradas com mica na colecção

de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, designando-a *bilha* e comparando-a com a que acima referimos, existente no espólio do Museu Nacional de Soares dos Reis (N.º de Cat. 2):

"Esta 'bilha de barro vermelho', que o Museu Municipal de Soares dos Reis expõe é igual à que há anos vi na colecção de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Guardava-a este ciosamente na sua casa das Caldas em um armário juntamente com as peças antigas de cerâmica caldense (...) Nas várias visitas que fiz à Fábrica "San Rafael" o seu fundador, Manuel Gustavo, ao mostrar-me os exemplares da sua colecção chamava a minha atenção, com grande entusiasmo para certos espécimes da louça antiga das Caldas que possuía, pondo sempre em destaque a 'bilha' do tempo da Rainha D. Leonor e umas garrafas e castiçais da época da afamada Maria dos Cacos, antecessora do fabricante Manuel Gomes Mafra.

Dizia-me ele que os 'entendidos' em cerâmica nacional (Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão, José Queirós) classificavam a 'bilha' como produto dos oleiros das Caldas do tempo da Rainha D. Leonor. E assim, foi-se firmando no meu espírito a convicção de que aquela bilha era quinhentista. O facto de me ter dedicado ao estudo da personalidade de Rafael Bordalo Pinheiro e portanto à influência exercida pela faiança caldense na actividade do artista e à influência deste na principal indústria da região levou-me, pela vida fora, a tomar a famosa 'bilha' como ponto de partida para a história da louça das Caldas.

Desconheço os documentos em que se baseou Joaquim de Vasconcelos para identificar estas bilhas como sendo exemplares da época da rainha D. Leonor, identificação que foi corroborada por José Queirós, pois nas suas obras "Cerâmica Portuguesa" (1907) e "Arte na escola: Cerâmica" (1916), a elas se refere.

Seria o facto de terem aparecido em abundância nas obras de restauro do Convento da Madre de Deus, em Lisboa, feitas sob a direcção do Arquitecto J. M. Nepomuceno, vários exemplares de faiança de barro vermelho e em especial vidrado com o característico esmalte usado na faiança caldense, nas cores verde, azul e rebuçado, exemplares que foram observados e estudados por Joaquim de Vasconcelos e que formaram uma colecção organizada numa das dependências do convento pelo já citado Arquitecto Nepomuceno?

Não deve causar estranheza o facto dos produtos cerâmicos encontrados no Convento da Madre de Deus terem sido atribuídos à época de D. Leonor, sabido como é que a excelsa rainha foi fundadora da Vila das Caldas da Rainha em 1148 [sic] e instituidora do Convento da Madre de Deus em Lisboa, no ano de 1508. (...) Portanto o ter encontrado Joaquim de Vasconcelos na Madre de Deus 'bilhas' iguais às que Manuel Gustavo possuía e que Ra-

fael Bordalo adquirira na região caldense é o bastante para hoje afirmarmos serem da época da rainha D. Leonor as já famosas 'bilhas'" (Ferrão, 1945, p. 78-80).

É também Julieta Ferrão a primeira autora a associar incorrectamente a bilha que pertencia a Manuel Gustavo com as peças que Nepomuceno havia encontrado no Convento da Madre de Deus, em Lisboa⁶, fazendo uma leitura incorrecta do texto de Joaquim de Vasconcelos. Afirma esta autora ter aparecido: *"nas obras de restauro do Convento da Madre de Deus, em Lisboa (...) vários exemplares de faiança de barro vermelho e em especial vidrado com o característico esmalte usado na faiança caldense, nas cores verde, azul e rebuçado"* (Ferrão, 1945, p. 78-80).

Ora, o que de facto Joaquim Vasconcelos encontrou na Madre de Deus foram unicamente peças vidradas a verde (ou seja loiça de vidrado plumbífero), não referindo peças com as cores *"azul e rebuçado"*. Nesse artigo, no parágrafo a seguir àquele em que refere as peças plumbíferas da Madre de Deus, Joaquim de Vasconcelos informa que outro tipo de loiça, faiança, se pode encontrar *"nos quadros da Escola portuguesa do último terço do séc. XV e primeiro terço do séc. XVI"* [ver transcrição completa do texto feita anteriormente] (Vasconcelos, 1907, p. 6-7).

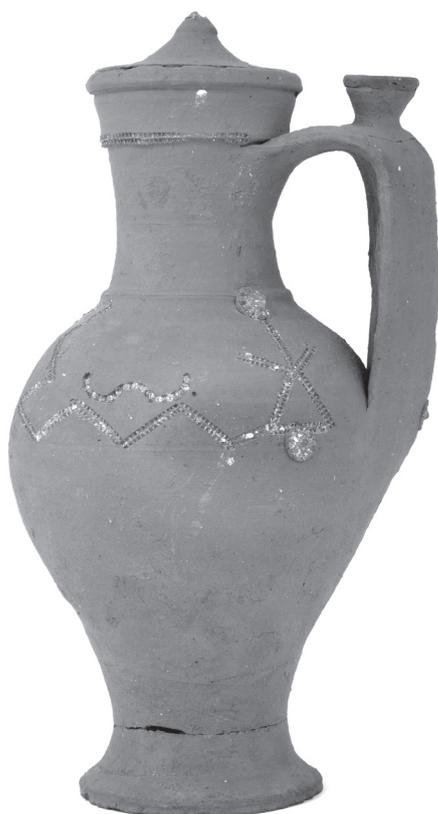
Pela leitura dos textos de Joaquim de Vasconcelos (Vasconcelos, 1884, p. 31-32 e 1907, p. 6-7) conclui-se que este autor não encontrou na Madre de Deus, nem peças na cor *"azul e rebuçado"*, nem peças decoradas com mica como afirma Julieta Ferrão. O espólio encontrado no Convento da Madre de Deus era *"loiça popular"*, grossa e pesada, feita em barro vermelho escuro e vidrada a verde (vidrado plumbífero), ou seja, sem nenhuma semelhança com as bilhas que pertenciam à colecção de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro as quais são em barro vermelho fino, decoradas com aplicação de elementos impressos e moldados, com incisões e mica.

Será que estas bilhas que pertenceram a Rafael Bordalo Pinheiro e depois a seu filho Manuel Gustavo eram, de facto, fabrico das Caldas? Temos dúvidas quanto a esta atribuição. A verdade é que se desconhecem textos quinhentistas ou seiscentistas que atestem a produção nas Caldas deste tipo de loiça fina não vidrada decorada com mica, e nem sequer sabemos qual o contexto de aquisição das peças que pertenceram a Rafael Bordalo Pinheiro. Por outro lado, os textos conhecidos e datados dos séculos seguintes referentes às Caldas da Rainha não fazem sequer uma breve alusão a esta

6. Russel Cortês, num artigo intitulado "A propósito da primitiva louça das Caldas: achegas para o esclarecimento dum problema terminológico", discorda da opinião da Julieta Ferrão e faz um apanhado das peças que conhece decoradas com mica (Cortês, 1945).



13. Cantarinha de duas asas. Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança). 1927. Alt. 27,5 cm. Porto: Museu de Etnografia e História do Porto, em depósito no Museu de Olaria, Barcelos. N.º de Inv.: MEHP 11252.



14. Cantarinha de encher pelo só. Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança). 1927. Alt. 26,5 cm. Porto: Museu de Etnografia e História do Porto, em depósito no Museu de Olaria, Barcelos. N.º de Inv.: MEHP 11249.

decoreção com mica, nem sequer há conhecimento de que esta técnica tenha perdurado e sido usada nas olarias caldenses durante os séculos XIX e XX.

É certo que no período em que Rafael Bordalo Pinheiro dirigiu a fábrica retomou o fabrico do modelo das peças antigas decoradas com mica, num formato mais reduzido e sem a utilização de mica na decoração (veja-se N.º de Cat. 8), inspirando-se para o efeito na peça arcaica que possuía na sua coleção.

4. LOIÇA FINA, VERMELHA OU PRETA DECORADA COM MICA: ÁREA DE PRODUÇÃO

Podemos considerar o recurso à mica para decorar a faiança como uma *moda*, a qual, como todas as modas, abrangeu uma determinada área e uma determinada época (principalmente os séculos XVII a XVIII). Sabemos que a decoração com mica, tal como referimos nos dois primeiros capítulos deste artigo, se aplicou no século XX na cerâmica produzida em vários locais do Norte do país, continuando ainda hoje a ser usada pelos oleiros de Guimarães. Podemos, por isso, admitir que tivesse havido, durante a época moderna, para além de Prado, outros centros olários a fabricar esta loiça decorada com mica. No entanto, Prado é até ao momento o único local produtor onde podemos afirmar que se fez este tipo de loiça preta e vermelha decorada com mica, desde a segunda metade do século XVI (dados arqueológicos e laboratoriais apresentados neste texto) até ao século XX (dados etnográficos e documentais já atrás referidos).

Até ao momento não é conhecida nenhuma referência documental que ateste a produção de peças decoradas com mica no centro e sul do País, mas, é uma hipótese que não deve ser excluída. De facto, tratando-se de vasilhas que podemos considerar de qualidade superior, com maior valor acrescentado, usadas pelas elites, servindo usos específicos e camadas populacionais com maior poder de compra, é provável que possam ter sido realizadas em vários locais produtores.

No entanto, o que se verifica é que à produção no Norte de loiça preta e vermelha fina, com ou sem polimento e com decoração de mica branca, correspondia, no Sul, a produção de loiça vermelha fina, de um modo geral engobada a vermelho, e decorada com polimento, engobe branco e empedrado (Ferreira, 1995; Serrão, 1991).

5. LOIÇA FINA, VERMELHA OU PRETA DECORADA COM MICA: LOIÇA DE "LUXO" - USOS PROVÁVEIS E INFLUÊNCIAS

Esta loiça fina, de cor vermelha ou preta, profusamente decorada e recebendo aplicação de mica era provavel-

mente usada no serviço de líquidos – água ou vinho – mas também para conter e servir alimentos mais requintados – por ex., confeitos, compotas e outros doces de colher.

É verdade que até ao momento não conhecemos nenhuma pintura antiga que reproduza peças de loiça vermelha ou preta decoradas com mica, no entanto, se olharmos para a pintura de Josefa de Óbidos encontramos peças de loiça vermelha fina, com ou sem pedrado, servindo para beber ou para ir à mesa com compotas e outros doces. O mesmo uso deveria ter a loiça fina, vermelha ou preta, decorada com mica.

No conjunto das peças que nos foi dado observar verifica-se serem as vasilhas mais antigas as de melhor qualidade técnica e decorativa, correspondendo muito provavelmente a uma clientela mais exigente, que usava as peças para uso próprio ou para oferta, como *mimo* ou *brinco* com que se obsequiava uma visita que se estimava, ou que se levava quando se ia de visita a alguém.

Peças de loiça fina, preta ou vermelha, decoradas com mica, produzidas nos séculos XVI a XVIII devem ter servido, por exemplo, como serviam as caixas de madeira que aparecem nos quadros da Josefa de Óbidos, para conter doces que se ofereciam a alguém que se estimava – dava-se o doce e o seu receptáculo.

São peças para servir em contextos requintados, ombreando em certos usos com a baixela de ouro ou prata, tal como se parece perceber através da pintura de Josefa de Óbidos (século XVII).

A produção destas peças terá recebido que tipo de influências? Ter-se-á procurado copiar peças de ouro e prata então em voga entre as classes mais abastadas? Entroncarão as formas que conhecemos na tipologia de vasilhas feitas em materiais preciosos? Haverá nestas peças de loiça fina alguma influência da loiça que chegava do Oriente?

Sabemos que os processos de *imitação* acontecem com frequência e que a moda em voga numa época influencia as diversas artes a que o homem recorre. O gosto de uma época deixa a sua marca em tudo o que o homem toca e habita. Não será por isso de estranhar que esta loiça fina, de *luxo*, dos séculos XVI a XVIII sofra a influência ou imite peças de artes mais nobres e mais faustosas como, por exemplo, a ourivesaria ou a porcelana oriental.

Nos séculos que se seguem (XIX e XX) esta loiça começa a entrar em decadência, a pasta é mais grosseira e a decoração mais esparsa. Parece ser feita mais como memória de outros tempos, como um manter em uso uma técnica arcaica que se aprendeu e que se quer continuar a perpetuar. Fazem-se canecas, vasos, vasos de portões que se colocam nas entradas de quintas,

cântaros para oferecer a alguém por quem se nutre especial estima ou para usar em ocasiões específicas e bilhas de segredo. Nestas peças, a decoração faz lembrar as rendas e bordados então em voga.

Hoje, o único local onde ainda se continuam a decorar peças com aplicação de mica é Guimarães. Com o recurso a esta técnica decoram-se cântaros (principalmente miniaturas de cântaros) e miniaturas de fornos de pão. São recordações para turistas, memória de uma arte ancestral que se pretende a todo o custo preservar.



15. *Bilha*. Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança). 1927. Alt. 23,5 cm. Porto: Museu de Etnografia e História do Porto, em depósito no Museu de Olaria, Barcelos. N.º de Inv.: MEHP 11251.



16. *Assobio onomatopaico*. Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança). 1927. Alt. máx. 10 cm. Porto: Museu de Etnografia e História do Porto, em depósito no Museu de Olaria, Barcelos. N.º de Inv.: MEHP 11352.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. J. S.; RODRIGUES, P. J. P.; GARCIA, C. e ALELUIA, M. (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV: ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B: aproximação tipológica preliminar. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo: Tondela, 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 185-210.
- BARROCA, M. J. (1993) – Centros oleiros de Entre-Douro-e-Minho, século XIII: contributo para o seu inventário e cartografia. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. 2, p. 159-170.
- CORREIA, F. da S. (1995) – *Pergaminhos das Caldas*. Caldas da Rainha: Património Histórico.
- CORREIA, V. (1926) – *Livro dos regimentos dos oficiais mecânicos ...*. Coimbra: Imprensa da Universidade (Subsídios para a História da Arte Portuguesa; 22).
- CORTÊS, R. (1945) – A propósito da primitiva louça das Caldas. *Estremadura: Boletim da Junta de Província da Estremadura*, Lisboa. Série 2. 10, p. 383-391.
- FERNANDES, I. M. (1997) – Júlio Alonso. Um percurso pelo barro. Matosinhos. *Actas do 2.º Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos (1996)*. Matosinhos: Câmara Municipal, p. 60-75.
- FERNANDES, I. M. (1997a) – *A Louça Preta de Prado. Vila Verde, Braga. Catálogo*. Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos: Museu de Olaria (Coleções do Museu; 3).
- FERNANDES, I. M. (1997b) – As oficinas de louça preta de Lanheses, Viana do Castelo: um fenómeno de migração. *Minia*. Braga: ASPA: Associação para a defesa, estudo e divulgação do património cultural e natural. 3.ª Série. 5, p. 199-216.
- FERNANDES, I. M. (2002) – A olaria vimaranense: uma visão global. In *Património e Indústria no Vale do Ave: um Passado com Futuro*. 2 vol. Vila Nova de Famalicão: Adrave, Vol I, p. 300-320.
- FERNANDES, I. M. (2009) – Oleiros de Bisalhães: as voltas que o barro dá = The potters of Bisalhães: the twists and turns of clay. In *A louça preta de Bisalhães: Mondrões, Vila Real = The black pottery of Bisalhães*. Vila Real: Museu de Arqueologia e Numismática. Museu de Olaria, p. 12-155.
- FERRÃO, J. (1933) – *Rafael Bordalo Pinheiro e a faiança das Caldas da Rainha*. Gaia: Edições Pátria (Estudos Nacionais).
- FERRÃO, J. (1944) – A loiça das Caldas. *Estremadura: boletim da Junta de Província*. Lisboa. 2: 5, p. 71-77.
- FERRÃO, J. (1945) – Uma bilha das Caldas da Rainha. In *Anotações e Verbetes. Mvsev*. Porto. 3: 6, p. 79-80.
- FERREIRA, M. A. (1995) – O barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo, 1992*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 151-161.
- FONTES, L. (2005) – *S. Martinho de Tibães: um sítio onde se fez um mosteiro: ensaio em arqueologia da paisagem e da arquitectura*. Lisboa: IPPAR.
- FONTES, L.; FERNANDES, I. M. e CASTRO, F. (1998) – Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para a seu estudo: Tondela, 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 355-363.
- Guia Municipal do Porto*. Porto: Tipografia Central, 1902.
- LIMA, A. C.; MILHAZES, C. e DORDIO, P. (1997) – Coleções de louça preta. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT. Centro Regional de Artes Tradicionais, p. 148-189.
- MACEDO, M. M. de e FREITAS, M. da G. (1988) – *Olaria do Felgar: Torre de Moncorvo: Catálogo*. Barcelos, Museu de Olaria (Coleções do Museu; 1).
- PEIXOTO, R. (1995) – Indústrias populares: As olarias de Prado. In *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote (Portugal de Perto), p. 89-132 [1.ª edição, 1900].
- PEIXOTO, R. (1995a) – Uma ornamentação cerâmica actual de carácter arcaico. In Rocha Peixoto – *Etnografia Portuguesa: obra etnográfica completa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 217-221. [Texto publicado em 1906 na Revista Portuguesa].
- QUEIRÓS, J. (1987) – Arte na escola: cerâmica. In *Cerâmica Portuguesa e outros estudos*. 3.ª ed. Lisboa: Editorial Presença, p. 11-379 [1.ª ed. 1916].
- QUEIRÓS, J. (1987a) – Cerâmica Portuguesa. In *Cerâmica Portuguesa e outros estudos*. 3.ª ed. Lisboa: Editorial Presença, p. 11-379 [1.ª ed. 1907].
- REAL, M. L.; GOMES, P. D.; TEIXEIRA, R. J. e MELO, R. F. (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa, séculos IV-XIX. In *1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e resultados para o seu estudo: 1992*. Tondela: Câmara Municipal, p. 171-186.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1966) – *Rocha Peixoto como cientista no âmbito da Etnografia e da Antropologia*. Póvoa de Varzim: Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.
- SÃO PAULO, J. de, *Padre mestre* (1995) – A rainha D. Leonor e a fundação da vila. In Fernando da Silva CORREIA, *Pergaminhos das Caldas*. Caldas da Rainha: Património Histórico, p. 20-26.
- SERRÃO, V. (coord.) (1991) – *Josefa de Óbidos e o tempo do Barroco*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 43, 132, 134, 155, 161, 204, 214.
- SILVA, F. R. da (1988) – *O Porto e o seu termo: 1580-1640*. Porto: Arquivo Municipal, Vol. 2.
- SILVA, R. M. (1645) – *Poblacion General de España*. Madrid, 1645.
- VASCONCELOS, J. de (1884) – *Cerâmica Portuguesa: estudos e documentos inéditos*. Porto: Tipografia Elzeviriana (História da Arte em Portugal; 4) [1.ª ed. 1883].
- VASCONCELOS, J. de (1891) – *A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*. Porto: Tipografia Ocidental.
- VASCONCELOS, J. de (1907) – Preliminar à indústria cerâmica. In Pedro Prostest – *Indústria de Cerâmica*. Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d. [O texto de Joaquim de Vasconcelos está datado de 1907].
- VASCONCELOS, C. M. de (1921) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.